



Horizontes Antropológicos

45 | 2016
Economia e Cultura

PANDIAN, Anand. *Crooked stalks: cultivating virtue in South India*. Durham: Duke University Press, 2009. 287 p.

Dibe Ayoub e Aline Maciel de Carvalho



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1262>
ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 29 Fevereiro 2016
Paginação: 419-422
ISSN: 0104-7183

Referência eletrónica

Dibe Ayoub e Aline Maciel de Carvalho, « PANDIAN, Anand. *Crooked stalks: cultivating virtue in South India*. Durham: Duke University Press, 2009. 287 p. », *Horizontes Antropológicos* [Online], 45 | 2016, posto online no dia 08 março 2016, consultado o 05 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/1262>

PANDIAN, Anand. *Crooked stalks: cultivating virtue in South India*. Durham: Duke University Press, 2009. 287 p.

*Dibe Ayoub**

*Aline Maciel de Carvalho***

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Como os sujeitos vêm a viver tal como devem viver? Essa é a pergunta que Anand Pandian se coloca em *Crooked stalks: cultivating virtue in South India*, para discutir a produção do *self* entre os membros da casta Piramalai Kallar. Construída a partir do trabalho de campo realizado pelo autor em Cumbum Valley, Tamil Nadu, a obra dialoga com diversas fontes: literatura medieval tâmil, cinema, jornais, história social, textos canônicos, discursos religiosos contemporâneos e livros pedagógicos. Apoiando-se nas ideias de Foucault sobre “ética”, enquanto projeto de produção do sujeito moral, Pandian debate de que modos o cultivo do solo sustenta o cultivo da vida. O cultivo é compreendido como uma mescla entre as perspectivas morais de desenvolvimento de si, as técnicas e práticas através das quais as pessoas buscam uma vida moral, e o trabalho material que constitui o ambiente rural. Ao traçar esse caminho, Pandian elabora um interessante paralelo entre a paisagem do eu interior e a paisagem agrária, de forma que tanto o ambiente quanto o *self* expressam topografias morais.

O cultivador emerge como sujeito de seu contínuo “desenvolvimento”, e a terra cultivada como lugar por excelência de uma vida “moderna”. Nos termos do autor, “desenvolvimento” é relacionado a aspirações materiais e morais, e se revela ao mesmo tempo um projeto governamental e o trabalho que os sujeitos elaboram sobre si, as maneiras com que cultivam seus corações a fim de realizar seus desejos (p. 6-7). A questão é que os Kallar

* Doutoranda em Antropologia Social. Contato: dibeayoub@gmail.com.

** Mestranda em Antropologia Social. Contato: alinemaciel@gmail.com.

são historicamente reconhecidos pelas práticas perniciosas de alguns de seus membros, que optam pelos caminhos do crime organizado, do cultivo de maconha, do contrabando e do comércio de madeira ilegal. Significando “ladrão”, ou “pessoa mentirosa”, o próprio termo *kallar* carrega o estigma da casta. As virtudes “civildade”, “controle” e “solidariedade” permanecem associadas à natureza e aos costumes das elites agrárias. Também por isso, os Kallar foram perseguidos pelos membros de outras castas, e tornaram-se objeto de projetos de reforma do governo colonial britânico.

Cada capítulo da obra é elaborado em torno de uma virtude, compreendida como qualidade cultivada de conduta pessoal, que também diz respeito a formas de dominação colonial e às desigualdades entre castas. É assim que a discussão de Pandian entrecruza os preceitos em que se baseava o governo colonial na formulação de seus projetos, e os modos históricos de comportamento, construção da cidadania agrária, e relações entre castas no sul da Índia. O autor pretende, então, conjugar os dramas do presente a diferentes passados. Inspirado em Nietzsche, afirma que esse proceder suscita uma genealogia móvel do *self* pós-colonial, que considera seus deslocamentos, e não uma história linear de sujeição.

Além disso, o *self* Kallar é compreendido a partir da relação dos membros da casta com o meio em que habitam, e com as atividades produtivas que desempenham. A “civildade” (*civility*), tal como as outras virtudes listadas na obra, diz respeito à ação humana sobre a paisagem, que configura algo mais do que o espaço físico, incluindo “maneiras de olhar e de agir sobre o terreno” (p. 252). Daí, Pandian reflete sobre a “topografia moral” do território (p. 48), elaborada pelos habitantes de Cumbum Valley na medida em que fazem do cultivo do solo um ideal de vida e do cultivo de si. Nessa topografia, a noção de “selvageria” é identificada com os Kallar, habitantes de terras altas, de difícil cultivo. A “civildade”, por sua vez, é identificada com as férteis várzeas onde estão os pomares irrigados das elites, que empregam mão de obra escolarizada.

Do mesmo modo que a “civildade”, as virtudes “conveniência”, “controle”, “trabalho árduo” e “solidariedade” produzem e reificam as desigualdades históricas entre as castas. A “conveniência” (*propriety*), enquanto forma de comportamento apropriado, é um tema fundamental para a consolidação do *Criminal Tribes Act*, conjunto de medidas administrativas vigentes entre 1918 e 1947. Um dos principais objetivos do ato era colocar em prática mecanismos

de transformação de características tidas como intrínsecas aos Kallar, como o roubo de gado e de lavouras.

No século XIX, criminosos eram comparados a animais, selvagens e crianças, e assim, tomados por criaturas incapazes de serem moralmente persuadidas. O “controle” (*restraint*), para os Kallar, é característico da condição de humano, concebido como aquele domina os impulsos do animal que possui dentro de si. Tendo em vista o ideal de autocontrole, o roubo pode ser julgado de várias maneiras, segundo o modo com que é performatizado. Em Cumbum Valley, há três alegorias de roubo baseadas no comportamento dos animais: a virilidade do touro ladrão, o forrageio do pardal nos campos maduros e o salto do macaco. Cada uma dessas imagens submete o roubo a diferentes avaliações, celebrando, dispensando, ou condenando tal conduta. Para Pandian, essas alegorias indicam a presença de vários tipos de substâncias na formação da individualidade, os animais participando das “topografias do eu moral” (p. 139). Como alguém deve ser, em um sentido ético, depende dos tipos de seres com quem se identifica, e a liberdade de ação é relacionada às possibilidades de habitar o animal dentro de si.

Outra virtude que remete ao choque de valores do governo colonial e da tradição moral de Tamil Nadu é a de “trabalho árduo” (*toil*). Para discuti-la, Pandian introduz o Kallar Voluntary Settlement, projeto de construção de assentamentos para a prática da agricultura. Contudo, para os Kallar a virtude do trabalho adquire uma conotação distinta dos termos da política colonial. O esforço não garante uma boa colheita, que depende da vontade divina, da sorte e das condições ambientais. O trabalho duro é tanto uma forma de sofrimento quanto um *karma*, consequência moral que atravessa o tempo e fundamenta a ética do cotidiano. A noção de prosperidade é imputada a sujeitos que não precisam sofrer para adquirir seus bens, e as histórias de “desenvolvimento” das pessoas surgem como caminhos de trapaça, afetados pela sorte e por acidentes.

A “solidariedade” (*sympathy*), por fim, é relacionada à distribuição de água, aos projetos de irrigação implementados pelo governo no início do século XX. Para os agentes coloniais, a água canalizada encorajaria os Kallar, concebidos como de natureza seca, a se sentirem conforme o resto da sociedade, fluindo com ela através de uma mudança de hábitos e de uma existência mais úmida, qualidade que, na tradição tâmil, é fundamental aos corações solidários. O lado aquoso da solidariedade também é explicitado nas elegias,

declamadas em velórios pelas mulheres Kallar. Pandian observa que os versos e o choro consistem em práticas de apoio, que atualizam a memória da dor da história coletiva, das imposições feitas aos membros da casta pelo governo, inclusive pelos projetos de irrigação, por meio dos quais muitas pessoas foram obrigadas a deixar suas casas para dar lugar aos dutos. Pelo fluxo de lágrimas que parte de seus versos de lamentação, as mulheres desafiam a concepção dos Kallar como secos e hostis.

Crooked stalks, com seus caminhos pela história da paisagem de Cumbum Valley, e da vida ética dos seus habitantes, é uma obra que confronta tradições, pertencimentos sociais e os dilemas morais do *self* pós-colonial Kallar. Ao contrário de partir da ideia de um sujeito ético universal, ou de uma natureza humana essencial, Pandian propõe pensar em subjetividades constituídas historicamente. Ao invés de insistir em modelos de civilização e dominação, o autor reflete sobre modos de civilidade e os múltiplos sentidos de progresso e desenvolvimento. Nessa etnografia, vemos como modernidade e tradição se entrecruzam em uma paisagem agrária subalterna, tomada pelos preceitos ocidentais como “subdesenvolvida”. Pandian declara que “desenvolvimento” é um estado contínuo do ser, e mostra como, ao lutar eticamente com diferentes ideais de reforma moral, os Kallar cultivam seus corações, habitando seu lado “selvagem”. É assim que incorporam e desafiam sua exclusão e estigma, reconhecendo na agricultura os exemplos de uma vida virtuosa, mas cujo trabalho duro nem sempre compensa, enquanto trilham suas próprias vias amplas e tortas na busca por prosperidade.